

## NOTÍCIAS

### **A necrópole de tipo «tholos» de Santiago do Escoural**

Em 15 de Agosto de 1964, quando efectuávamos a segunda campanha de escavações da gruta do Escoural, chegou-nos ao conhecimento que alguns trabalhadores tinham achado, cerca de duas semanas antes, pedras gravadas, ossos e louças, ao preparar um forno para fazer carvão, no cabeço da Herdade da Sala fronteiro ao lado nascente da referida gruta, em lugar de que dista menos de duzentos metros.

Um desses camponeses, de nome António Salvador Caetano, contou-nos que, quando, com os companheiros, estava a cobrir de terra a lenha do forno, apareceram ossos e fragmentos de placas e de cerâmica e, também, seis placas inteiras e um pequeno vaso.

Observando, na mesma data, o local recolhemos à superfície, na periferia do forno, alguns desses restos e verificámos que a parte revolvida não

atingira profundidade superior a 30 centímetros.

Junto ao forno a floravam, na altura, cinco lajes pouco espessas, colocadas ao alto, de cutelo e a anunciar a planta arredondada, o que associado ao espólio descoberto, permitiu considerar a existência de uma construção tumular.

Como cada fornada de lenha, coberta de terra, leva cerca de 40 dias a transformar-se em carvão, adiámos para a última semana de Setembro seguinte o início do estudo deste monumento.

Procurámos recolher, entretanto, as placas e os vasos encontrados pelos trabalhadores mas só conseguimos obter duas dessas placas e fragmentos de um vaso, com fractura recente, abandonados em terreno próximo.

Logo que o carvão foi retirado e com autorização do proprietário da Herdade, iniciámos a crivagem das terras revolvidas e carbonizadas, onde se encontrou diverso espólio muito fracturado e algumas peças de sílex, demonstrando esta recolha de 26 de Setembro a 3 do mês seguinte.

Retiradas as terras remexidas, principiámos a escavação do local em 19 de Outubro de 1964.

Para esse efeito, marcou-se uma linha de referência, a partir de ponto fixado numa das lajes, na presumível área a retirar, assinalada, em parte, pelo contorno de algumas pedras e dividiu-se o terreno a escavar em talhões cujo lado menor, de 1 metro, se mediu na citada linha e o seguimento transversal alcançou as lajes que revestem o monumento.

Escavou-se, assim, talhão por talhão, a colherim e com trincha, e registando tridimensionalmente as peças em relação à cota zero fixada, com o auxílio de linhas laterais, divisórias dos talhões e perpendiculares à principal.

A exploração do monumento prolongou-se até ao Verão de 1966, sendo objecto de numerosas pequenas campanhas de 4 a 5 dias, quando as condições atmosféricas e os afazeres o permitiram.

Na escavação trabalhámos com dois operários, um para desmontar o terreno e outro incumbido de crivar as terras, enquanto procedíamos às medições em papel milimétrico e ao registo e embalagem das peças.

Não foi possível determinar estratigrafia, embora se fizessem observações com esse propósito, mas colheram-se amostras de terra, em todos os talhões e a diversa profundidade, com vista a análises granulométricas.

A utilização da superfície, em várias épocas, para forno de carvão endureceu o terreno, o que associado à circunstância de existir uma cobertura de

lajes abatida sobre a câmara tornou difícil a recolha das peças que se apresentavam, na maioria, bastante apertadas na terra.

O espólio antropológico, cujo estudo está a cargo do Instituto de Antropologia da Universidade do Porto, revelou-se bastante danificado e revolvido, não permitindo, até agora, conclusões seguras quanto à posição inicial dos esqueletos nem relação com os objectos com que apareceu muito misturado.

O facto do local ter servido para fornos de carvão obrigará à maior prudência na interpretação dos materiais carbonizados recolhidos, dos quais os retirados a maior profundidade vão ser presentes ao laboratório para efeitos de datação absoluta.

Explorámos a necrópole com subsídios da Fundação Calouste Gulbenkian e na qualidade de colaborador do Museu Nacional de Arqueologia, onde o respectivo espólio está depositado.

\*

Situada a meio da encosta de um outeiro a cerca de 200 metros da gruta da Herdade da Sala, freguesia de Santiago do Escoural, concelho de Montemor-o-Novo, esta necrópole de tipo «tholos» é constituída por câmara, corredor e átrio que a seguir se descrevem:

*Câmara:* Com 6,25 x 5,75 m de diâmetro, de planta quase circular e revestida de 30 lajes, colocadas verticalmente, que apresentam as seguintes dimensões médias: altura entre 1 m e 1,20 m; largura que regula por 0,50 m;

espessura que só em alguns casos excede 0,10 m. No interior encontraram-se 52 lajes, de configuração irregular, placóides, cujas medidas médias são  $1 \times 0,50 \times 0,10$  m, as quais estavam distribuídas por toda a câmara, a profundidades e em posições diversas, a cobrir a terra que continha a maior parte do espólio. Considerado o largo vão com cerca de 6 m de diâmetro e a irregularidade da forma das lajes existentes no interior da cripta, é possível admitir que tenha existido uma cobertura sustentada por estrutura mais leve, talvez de traves de madeira, sobre a qual as lajes estariam dispostas imbricadamente. Não apareceu qualquer abertura ao centro que justificasse a existência de um pilar. O fundo da câmara é formado pela rocha natural.

*Corredor:* Com a estrutura inicial bem conservada, tem 3,40 m de comprimento e apresenta junto à porta que dá para o átrio, e em grande parte do seu percurso, a largura de 0,65 m; para terminar à entrada da câmara com 0,40 m. Revestido por cinco lajes de cada lado, dispostas verticalmente, mostra no lado direito, quando se entra, a altura média de 0,50 m e no lado esquerdo a de 0,75 m. Esta diferença, destinada a compensar o desnível do terreno, originou a disposição um pouco oblíqua das lajes da sua cobertura. O corredor apresenta-se coberto por 5 lajes, uma das quais assente em outra maior, com intervalos entre si devido ao seu recorte irregular, admitindo-se que falte uma laje no es-

paço central de cerca de 0,50 m deixado a descoberto; as lajes da cobertura prolongam-se lateralmente, para além dos apoios, cerca de 0,25 m. O corredor termina por duas ombreiras a formar porta, com 1,10 m de altura e contorno irregular no sentido transversal, apresentando a do lado esquerdo, quando se entra, cerca de 0,25 m de largo e a do lado direito 0,25 m junto ao solo e 0,50 na extremidade superior.

*Átrio:* Tem 2,35 m de comprimento e a largura aumenta dos 0,70 m à entrada para 0,80 m junto à porta de acesso ao corredor. Encontra-se revestido por 5 lajes, colocadas verticalmente, de cada lado e que apresentam alturas variáveis e decrescentes, a partir da porta até à entrada, entre 1 m e 0,50 m.

A necrópole não mostra vestígios da colina tumular, está orientada para Sueste e revelou o seguinte espólio arqueológico:

#### *Cerâmica*

- 21,4 quilos fragmentos
- 1 placa com dois orifícios
- 1 possível pega
- 12 vasos inteiros
- 8 vasos partidos

#### *Cristal de rocha*

- 3 lâminas
- 51 lascas de restos de fabrico
- 33 núcleos

*Contas de colar — 1031*

- 12 bicónicas
- 1017 discóides
- 2 tubulares

*Peças em osso*

- 2 agulhas
- 2 fragmentos de agulhas
- 1 pequena placa

*Pedra polida*

- 1 enxó
- 1 escopro
- 5 fragmentos atípicos
- 1 machado

*Placas de xisto*

- 92 inteiras
- 58 incompletas
- 32 fragmentos
- 86 com 1 orifício
- 10 com 2 orifícios
- 14 sem orifício

*decoração predominante:*

- 10 com faixas em espinha
- 26 com faixas quebradas
- 11 com faixas em zig-zague
- 10 com faixas em rectângulos
- 100 com faixas de triângulos
- 2 com xadrez

*Pontas de seta — 347*

- 266 de base côncava
- 77 de base recta
- 4 pendunculadas

*Seixos rolados*

- 8 pequenos
- 2 fragmentos de grandes

*Sílex*

- 1 alabarda e fragmento de outra
- 44 lâminas
- 24 micrólitos triangulares

•

As construções funerárias de tipo «tholos» exploradas em Portugal, a Sul do rio Tejo, são 26, com a que ora apresentamos, das quais 12 no Algarve, 10 no Baixo Alentejo e 4 no Alto Alentejo, que a seguir se enumeram:

*Algarve*

1. Castro Marim
2. Marcela (Vila Real de Santo António)
- 3-9. Alcalar, II a VII (Portimão)
- 10-11. Vidigal Velho, IX - X (Portimão)
12. Monte Velho (Portimão)

*Baixo Alentejo*

13. Nora Velha (Ourique)
14. Colos (Odemira)

15. A-dos-Tassos (Ourique)
16. Monte Velho (Ourique)
17. Cerro do Gatão (Ourique)
18. Malha Ferro (Ourique)
19. Monte das Pereiras, I (Beja)
20. Monte do Outeiro (Aljustrel)
21. Odivelas (Ferreira do Alentejo)
22. Lousal (Grândola)

#### *Alto Alentejo*

23. Farisoa (Reguengos de Monsaraz)
24. Comenda (Reguengos de Monsaraz)
25. Vale de Rodrigo (Évora)
26. Santiago do Escoural (Montemor-o-Novo)

Identificaram-se, ainda, possíveis monumentos deste tipo noutras regiões do Baixo Alentejo, como Barrancos e Messejana, que aguardam oportunidade de ser escavados.

A distribuição de tais necrópoles a Sul do Tejo está relacionada com as áreas onde existem jazigos de cobre, ouro e prata.

Na região de Alcalar há minas de cobre e de ouro (S. Estêvão e Montoito). As zonas do Baixo Alentejo em que se situam estes monumentos são, essencialmente, cupríferas (Aljustrel, Lousal, S. João de Deserto e Herdade do Montinho). A poucas centenas de metros do monumento do Escoural encontra-se uma mina de ouro e apenas a alguns quilómetros do mesmo local, mas em direcções diversas, conhecem-se uma mina de ouro e outra de prata.

A estrutura das construções, algum do seu característico espólio e a sua localização em regiões mineiras permitem-nos considerar que se trata de uma cultura que a partir do Sueste da Península se espalhou para o litoral algarvio e daí progrediu em direcção ao Norte, à procura de metais, alcançando como limite setentrional conhecido, a área de Santiago do Escoural.

Observam-se nestes monumentos os seguintes tipos de cobertura da câmara:

1. O de falsa cúpula, com aparelho miúdo desde o solo, a avançar sucessivamente para dentro, em fiadas de pequenas e delgadas lajes, até cobrir o vão superior (Alcalar II, IV - VII; Cerro do Gatão; A-dos-Tassos; Vidigal Velho IX - X).
2. Um tipo misto, com lajes e revestir a parte inferior da câmara e alvenaria miúda na parte superior a elevar a falsa cúpula (Vale de Rodrigo e Monte do Outeiro).
3. Um possível terceiro tipo representado por lajes, colocadas na vertical, a revestir a câmara, sem que se saiba com exactidão, o género de cobertura usado, embora as dimensões de certas criptas e o tamanho das lajes encontradas no interior de algumas delas nos leve a supor que eram tapadas, superiormente, com pedras apoiadas em estrutura mais leve, talvez de madeira (Alcalar III e VIII, Marcela, Malha Ferro, Nora, Lousal, Monte Velho de Ourique,

Monte das Pereiras, Colos, Farisoa, Comenda e Santiago do Escoural).

No espólio da necrópole de Santiago do Escoural evidenciam-se, pela representatividade, manifestada na variedade de formas e de decorações, as 150 placas de xisto ali recolhidas, das quais 92 inteiras e 58 incompletas, além de 32 fragmentos, cuja decoração e contorno são, em alguns casos, reconstituíveis.

Tal quantidade assume particular significado se considerarmos que o total das placas de xisto encontradas nos outros monumentos do mesmo tipo é, apenas, de 112. Além disso, surpreendeu-nos verificar que nunca foi descoberta quantidade tão elevada destas peças numa jazida, só se lhe aproximando e mesmo assim como achado classificado de excepcional, o conjunto da Anta Grande do Olival da Pega (Reguengos de Monsaraz) com 134 placas, das quais 74 inteiras ou reconstituíveis.

A existência de tão grande número de placas de xisto num monumento de nítida influência do Sueste peninsular, tanto na estrutura arquitectónica como em grande parte do seu espólio, nomeadamente nos perfis dos vasos e no recorte das pontas de seta, parece mostrar que os mineiros de Santiago do Escoural enriqueceram o seu formulário funerário em contacto com as populações das antas. Observa-se fenómeno inverso em regiões sem tradição megalítica acentuada, como o Baixo Alentejo, onde as populações das «tho-

loi» conservaram o hábito de reproduzir, com maior pureza, o espólio votivo, trazido do seu foco de origem.

O restante mobiliário do monumento do Escoural também sugere algumas reflexões.

Assim, a grossa placa de cerâmica, com dois orifícios, ali descoberta é idêntica a diversas encontradas em antas da região, enquanto que outra peça, também de barro cozido, lisa e em forma de «charuto» espalmado levemente e curvo, a terminar na parte superior, em duas pontas, parece-nos, embora com evidentes reservas, a pega de uma vasilha.

Por toda a câmara, e às vezes em grupos, devidamente assinalados no registo do papel milimétrico, apareceram inúmeras pontas de seta de sílex, xisto e cristal de rocha, em que muitas apresentam aletas na base, com tipos semelhantes aos de Los Millares e de Alcalar.

A maioria deste conjunto de 347 pontas de seta apresenta um retoque marginal extremamente delicado e que atinge o mais fino labor em algumas das fabricadas em cristal de rocha.

Também neste caso, a quantidade recolhida no Escoural é representativa e excede, largamente, o total das 102 pontas de seta aparecidas nos monumentos do mesmo tipo.

A cerâmica encontrada no monumento apresenta o seguinte estado de conservação:

- 12 vasos inteiros
- 8 vasos incompletos

21,4 quilos de fragmentos, muitos deles com possibilidades de reconstituir as formas.

Os perfis dos vasos variam, desde os de configuração esférica aos de paredes côncavas e fundo redondo, existindo, ainda, alguns de corpo cilíndrico e fundo arredondado e outros do tipo das taças de pequena altura.

A maioria dos vasos são lisos; um deles mostra um grupo de sulcos, dispostos paralelamente e interrompidos por traço vertical ao centro; outro tem uma decoração de duas filas de linhas circulares paralelas e incisas, colocadas lado a lado; um terceiro apresenta uma série de cordões dispostos verticalmente a espaços regulares e preenchidos por incisões sucessivas e paralelas. Há, ainda, 2 vasos com mamilos distribuídos simetricamente pelo bojo.

1031 contas de colar, predominantemente discóides, 44 lâminas de sílex, 24 micrólitos triangulares, uma alabarda, algumas peças trabalhadas em osso, núcleos de cristal de rocha e um numero insignificante de peças de pedra polida completam o espólio funerário do monumento de Santiago do Escoural.

A única datação absoluta, pelo carbono 14, em monumentos deste tipo, a Sul do Tejo, foi obtida em A-dos-Tassos, onde se registou a cronologia de 1800+200 a. C. (Lab. Saclay).

*Manuel Farinha dos Santos*

### **Concheiro mesolítico do Barranco da Moura, Grândola**

Ao fim de alguns meses de porfiadas pesquisas nos arredores de Grândola, conseguimos identificar (12-XI-1967), um concheiro mesolítico a cerca de 6 quilómetros, para Nordeste, daquela vila, no local conhecido pelo sugestivo topónimo de *Barranco da Moura*.

Esta estação pré-histórica situa-se em local sobranceiro a um vale seco, na propriedade do senhor dr. Luís André, residente em Grândola que, gentilmente, deu facilidades para efectuar o reconhecimento da superfície da jazida e as sondagens necessárias.

O concheiro do Barranco da Moura apresenta evidentes vestígios de intensa ocupação humana numa área de cinquenta por sessenta metros, formando um rectângulo, de configuração quase regular, com cerca de trezentos metros quadrados.

Além do que é possível observar nos inúmeros buracos dos formigueiros ali existentes (pequenos fragmentos de conchas e terra preta transportados pelas formigas das camadas interiores do terreno para a orla desses orifícios), em alguns lugares aflora a terra preta do concheiro, especialmente numa parte da periferia, em declive, onde aparecem, também, fragmentos de conchas, quantidade apreciável de peças de sílex, algumas com manifesto trabalho intencional característico da técnica mesolítica. Por outro lado, a su-

perfície da primeira camada, de terra castanha, está recamada de restos de fabrico de sílex à mistura com peças típicas fabricadas na mesma matéria-prima.

Na pequena sondagem a que procedemos, no interior da área do concheiro, obtivemos a seguinte leitura:

#### *Primeira camada*

De terra castanha, com 26 cm de espessura e contendo alguns núcleos e lamelas de sílex.

#### *Segunda camada*

De terra preta, a partir dos 26 cm de profundidade, contendo núcleos, micrólitos, lamelas e pequenas raspadeiras; neste estrato surgiu, aos 36 cm de fundo, uma camada de conchas de *Cardium edule* e como aos 42 cm as terras se apresentassem queimadas e aflorassem as pedras com vestígios de carbonização, de uma possível lazeira, não se considerou conveniente prosseguir a sondagem que foi devidamente coberta e assinalada.

*Manuel Farinha dos Santos*

### **Achados da Idade do Bronze em Ervidel (Aljustrel)**

Quando lavrava uns terrenos numa herdade pertencente ao lavrador José Matos Lampreia, situada nos subúrbios de Ervidel (Aljustrel), um trabalhador descobriu uma necrópole que, segundo o parecer do arqueólogo Dr. Fernando Nunes Ribeiro, pertence à idade do

bronze, portanto, 500 a 1000 anos antes de Cristo.

Na necrópole, situada junto a um velho moíno nos montes mais elevados dos arredores de Ervidel, foram descobertos, além de ossadas, um punhal em bronze e vários objectos de metal, cerâmica, em forma de jarro e de ânfora.

Já anteriormente haviam sido descobertos, em Ervidel, outros pequenos cemitérios da mesma remota época.

*Primeiro de Janeiro de 10-1-1967.*

### **Sepultura com um esqueleto e várias peças de cerâmica**

Na herdade do Outeiro dos Pintos, a cerca de 14 quilómetros do Vimieiro, quando um tractor procedia ao amanho das terras, foi acidentalmente descoberta uma sepultura, construída com tijolo e coberta por uma placa de mármore. Dentro encontrava-se um esqueleto e algumas peças de cerâmica.

*Notícias de Évora de 24-1-1967.*

### **Importantes vestígios romanos descobertos no Seminário de Santiago de Braga**

No decorrer de obras levadas a efeito no claustro do Seminário de Santiago de Braga apareceram, perto da superfície, fragmentos de colunas e de cerâmica e um artístico e grande capitel e, a mais de três metros de profundidade, uma construção rectangular em que o pavimento apresenta um mosaico com desenhos de peixes.

*O Comércio do Porto de 25-1-1967.*

### **Ruínas de um Zimbaué no Songo**

Foram localizadas as ruínas de um zimbaué, em pleno planalto do Songo, a cerca de 130 quilómetros de Tete, no sentido do nascente do rio Zambeze. Estas ruínas situam-se a 1300 metros de altitude e ocupam uma extensão de 80 metros quadrados.

*O Século de 1-2-1967.*

### **«Vila» Lusitano-Romana de Pisões (Beja)**

Na freguesia do Penedo Gordo, na herdade de Algramaça, no sítio denominado Pizões, integrado num conjunto das herdades de Almocreva, pertencentes à Sr.<sup>a</sup> D. Carolina Almodovar Fernandes, foram descobertas várias ruínas de paredes e pavimentos de uma vila romana que foi ocupada até aos fins do século IV da nossa era.

O valioso achado arqueológico surgiu quando se efectuavam no local trabalhos de preparação de terras para a lavoura, com uma subsoladora.

As paredes já descobertas encontram-se revestidas de folhas de mármore, o que tudo indica tratar-se de uma construção grande. Aliás, os achados situam-se junto a um barranco, que se alarga numa extensão de um hectare de terreno, a duzentos metros de uma antiga represa ou barragem romana e muito perto do rio de Pizões.

O «Diário de Notícias» ouviu o Sr. Dr. Fernando Nunes Ribeiro, director do Arquivo de Beja e activo arqueólogo do distrito, que sobre a importante descoberta arqueológica informou que

no solo observado até agora foram encontradas duas espécies de mosaicos, uma em forma de formigão e outra com desenhos geométricos, a cores branca, azul-escuro e vermelha. Também segundo aquele arqueólogo, foram já retiradas do local várias pedras, algumas trabalhadas, e cunhais de paredes de muros grandes, os quais se encontram devidamente guardados.

A demonstrar que junto à vila — casa de campo romana com algumas dependências rústicas — existiram lagares, ali estão os cilindros de pedra encontrados, pesos de pedra redonda com entalhes onde entravam as varas de madeira que os faziam rodar para esmagar a azeitona.

Uma moeda de bronze do tempo do imperador romano Teodósio deu a data daquela estação arqueológica, ou seja, do século IV da nossa era.

Segundo informaram ao Sr. Dr. Fernando Nunes Ribeiro, a referida moeda foi encontrada junto a uma galeria subterrânea que conduz a uma sala com arcos, estando à entrada desta um esqueleto e um anel em bronze, da mesma época.

Para proteger os valiosos mosaicos, aquele arqueólogo mandou tapar o solo onde se encontraram, com terra apropriada, e comunicou o achado à Junta Nacional de Educação.

*Diário de Notícias de 21-2-1967.*

### **Povoado mesolítico em Angola**

O Dr. Miguel Ramos, perito da Junta de Investigações do Ultramar, encontrou na região de Capangombe,

no Sul de Angola, vestígios de habitações do mesolítico, que teriam sido utilizadas por homens de há dez mil anos — informa em Luanda o diário «O Comércio».

A 55 centímetros de profundidade, aquele investigador encontrou restos de fogueira e buracos onde estiveram implantadas estacas de habitações alongadas, muito diferentes das que hoje existem no distrito da Huila.

O povo de Capangombe, oito mil anos antes de Cristo, dedicava-se certamente à caça e à colheita de frutos — conforme as declarações do Dr. Miguel Ramos, mas desconhecia a agricultura por falta dos utensílios indispensáveis.

*Diário de Lisboa* de 8-3-1967.

### **Achados submarinos na zona do Cabo da Roca**

Segundo um porta-voz do Ministério da Marinha, este departamento vai proceder à prospecção dos valores arqueológicos submarinos que recentemente foram detectados na zona do Cabo da Roca.

Para isso, o Ministério da Marinha, mandou já interditar uma zona com uma milha de raio e centro num local submerso, denominado Lourçal, situado entre as praias do Guincho e da Adraga. A decisão foi tomada depois de o mergulhador José Borja ter descoberto canhões de bronze, possivelmente pertencentes a uma antiga nau que se teria ali afundado.

*Novidades* de 2-4-1967.

### **Descoberta de uma necrópole próximo de Valpaços**

No lugar de Água Revés o Sr. Manuel Trinta quando procedia a umas escavações, num seu olival, encontrou várias sepulturas de pedra contendo ossos humanos e moedas antigas.

As lajes que cobrem as sepulturas contêm inscrições, ignorando-se ainda o seu significado, esperando-se que os serviços oficiais iniciem as investigações adequadas.

*O Século* de 23-5-1967.

### **Materiais de construção Lusitano-Romanos encontrados em Boticas**

No lugar de Boticas (Barroselas), numa bouça à margem da estrada romana que ligava Viana a Braga, o correspondente do «Jornal de Notícias» naquela localidade encontrou tijolos e fragmentos de telhas que, na opinião de entendidos na matéria, eram de pavimentos e coberturas de casas da época romana.

*Jornal de Notícias* de 2-6-1967.

### **Ruínas Portuguesas do entreposto de Dambarare (1690)**

O matutino «Notícias», de Lourenço Marques, informa que o historiador Garlake, inspector-chefe da Comissão de Monumentos Históricos da Rodésia, localizou as ruínas do Entreposto Comercial Português de Dambarare, a 50 quilómetros de Salisbúria, o qual foi destruído pelos matabeles em 1690.

Acrescenta que no local foram encontrados restos de louças portuguesas e chinesas, um castiçal de bronze e paredes em tijolo maticado em perfeito estado de conservação.

Foi também descoberto um esqueleto que será recuperado pela arqueologia Margaret Garlake.

*Diário da Manhã de 19-6-1967.*

### **Pintura rupestre que parece representar um guerreiro português do século XVI**

Quando estudava cuidadosamente pinturas rupestres feitas pelos primitivos habitantes de África, numa gruta das montanhas Drakensberg (Dentes de Dragão) — uma enorme massa escavada que se ergue de um planalto a 4000 pés de altitude —, o arqueólogo e historiador sul-africano J. C. Simpson afirma ter encontrado, numa delas, a representação de um guerreiro português do século XVI.

Tratar-se-ia talvez — na opinião daquele estudioso — de um sobrevivente de qualquer dos naufrágios sofridos pelas naus portuguesas na costa do Natal e da Cafrária.

J. C. Simpson relaciona o achado com o naufrágio da nau «Santo Alberto», que se perdeu em 27 de Março de 1593, próximo da actual Umtata. A nau vinha de Cochim para Lisboa, quando uma tempestade a partiu em duas metades, havendo notícia de que um grupo de sobreviventes desse naufrágio, tendo por chefe Nuno Velho Pereira, que fora capitão de Sofala, teria atingido a gigantesca montanha dos

Drakensberg, nunca antes vista por olhos de europeus. O grupo prosseguira a marcha, a caminho da baía de Lourenço Marques, mas nas faldas da montanha ficara um homem exausto de frio e incapaz de caminhar. Sabe-se que o seu nome era Álvaro Ponte. Será de Álvaro Ponte a figura gravada na montanha?

*Diário de Notícias de 27-6-1967.*

### **Sepulturas de incineração descobertas na cidade do Porto**

Na avenida Marechal Gomes da Costa, do lado nascente, estão a ser feitas construções de grande vulto. E tais construções, quer por motivo do lançamento dos alicerces, quer porque em regra ficam com grandes caves, dão origem a grandes escavações. A estas se procedia anteontem num prédio que começa a ser construído um pouco antes do Largo do Rechincho e que vai ocupar terrenos que foram de prédios da antiga Rua das Águas e respectivos quintais, estes encostados ao muro da cerca do antigo convento dos Congregados, quando surgiu algo que constituiu surpresa. Era uma espécie de caixa em tijolo. Junto dela estava uma ânfora de cobre já em precário estado de conservação. Os trabalhos, no local, pararam, e foi pedida a presença do cônego Sr. Dr. Arlindo Ribeiro da Cunha, verdadeira autoridade em problemas de arqueologia e em todos os outros que digam respeito a antiguidades e escritor e investigador de renome. Sob a sua orientação e com todas as cautelas, prosse-

guiu a descoberta da caixa, e viu-se então que se tratava duma sepultura da época romana, dentro da qual se encontravam duas ânforas contendo cinzas, e envoltivas em carvão. Sabendo-se que os romanos utilizavam para sepulturas terrenos situados à margem das vias de comunicação e que na Braga romana existia naquele ponto uma viela, chegou-se à conclusão que as cinzas contidas nas ânforas, eram os restos de dois cadáveres incinerados no local, conclusão reforçada pela existência do carvão, e depois de incinerados sepultados dentro da caixa de tijolo.

*Comércio do Porto de 28-6-1967.*

### **Colunas de granito encontradas em Évora**

Nas obras de remodelação da filial do Banco Nacional Ultramarino, desta cidade, foram postas a descoberto, em escavações muito abaixo do nível do solo colunas de granito, de forma circular, com o comprimento de 2,40 m por 0,38 m de diâmetro.

As referidas colunas têm bases quadradas e pequenos capitéis circulares.

Não se procedeu ainda ao respectivo estudo, desconhecendo-se o seu valor histórico e arqueológico, mas parecem ser do tempo da dominação romana na Península.

As cinco colunas foram oferecidas ao município eborense, que vai promover a sua remoção para o seu Museu Regional.

*Diário de Lisboa de 20-7-1967.*

### **Aparecimento de uma torre quadrangular em Ponte de Lima**

Numas demolições que se estão a fazer em redor do Paço do Marquês, para um arranjo urbanístico, mandado executar pela Câmara Municipal de Ponte de Lima, apareceu uma velha torre, quadrangular, muito à semelhança da Torre de S. Paulo, esta a única que havia escapado às demolições do século passado, das 9 torres e 6 portas da antiquíssima praça de armas da nossa velha vila.

O castelo agora em princípio descoberto não tem ameias, não se sabendo ainda até que ponto chegam as suas fundações, o que tudo se espera verificar, estando a ser retirado o conteúdo do seu interior, pois estava aterrado e, possivelmente desfeito na parte superior, pois ali assentava uma casa, agora demolida.

*Diário do Minho de 3-8-1967.*

### **Achados arqueológicos na Sé de Évora**

Depois da electrificação dos lustres de Veneza, dos princípios do século XIX, e da restauração da talha do órgão quinhentista da Catedral, obra esta feita a expensas da Fundação Calouste Gulbenkian, que também custeou a restauração do famoso órgão na Holanda considerado o mais antigo da Europa, a Direcção dos Monumentos Nacionais está procedendo à restauração do pavimento do coro da Sé e da sua preciosa talha renascentista, da-

tada de 1562, bem como das Capelas de S. José e de Nossa Senhora da Boa Morte.

Nestas duas capelas das extremidades da cabeceira da Basílica Metropolitana, acaba de ser retirado o estuque setecentista, que cobria o granito das paredes, ficando a descoberto na primeira um belo túmulo gótico, com arca tumular sob arco-sólio, de D. Constança, grande benfeitora da Sé no século x<sup>v</sup>, semelhante aos que se encontram no exterior da Catedral, dos lados sul e poente; e, na segunda, a porta gótica que D. Afonso V mandou abrir para entrada na Sala Capitular, hoje Arquivo e Museu de Arte Sacra, obrigando a deslocar o túmulo de D. Vasco Martins de Melo (neto e homónimo do célebre alcaide de Évora que salvou o Mestre de Avis da morte tramada por D. Leonor Teles) para a parede fronteira, onde já existia um túmulo com arco-sólio românico, também agora posto a descoberto, mas já sem a respectiva arca tumular.

Retirado o soalho da Capela de S. José ficaram à vista algumas pedras tumulares, sendo uma gótica, de cavaleiro medieval e, na capela da Boa Morte, duas campas quinhentistas e uma medieval.

*A Defesa de 23-9-1967.*

### **Sepultura Lusitano-Romana em Faro**

Na Quinta dos Fumeiros, onde se anda a construir o Liceu Feminino, foi encontrada uma sepultura, com

toda a aparência de romana, havendo vestígios de mais.

Sob a direcção do Sr. Prof. Pinheiro e Rosa, auxiliado pelo fiscal das obras Sr. Manuel Viegas Guerreiro e pelos pedreiros Manuel Joaquim Guerreiro e António de Jesus, foi posta a descoberto para ser fotografada, encontrando-se parte do esqueleto dobrado e uma moeda.

*O Algarve de 24-9-1967.*

### **Estatueta com cerca de 1900 anos considerada única no Ocidente Europeu**

Junto da muralha do lado poente da velha Egitânia, hoje Idanha-a-Velha, no distrito de Castelo Branco, foi encontrada pelos arqueólogos D. Fernando de Almeida e O. Veiga Ferreira, em escavações ali efectuadas, em Outubro de 1965, uma pequena estatueta esculpida em azincho, representando um indivíduo do sexo masculino, como provam o penteado e a indumentária, segundo a opinião dos referidos cientistas.

Conjuntamente, foram achados vários objectos da mesma época, como cerâmicas de «terra sigillata», alfinetes para cabelo («acus crinalis»), anéis, uma roda de carro, sementes de frutos e restos de alimentos.

A todos os objectos encontrados é atribuída a idade de 1900 anos. A estatueta considera-se rara pelo menos em todo o Ocidente Europeu, onde jamais se encontrou outra semelhante. A nossa gravura apresenta-a em tamanho natural, depois de beneficiada no

Museu Monográfico de Reconstituição de Conímbriga. A região de Idanha-a-Velha é considerada arqueologicamente muito rica pois, tendo sido teatro de numerosas invasões, conheceu várias civilizações. Por ali passaram celtas, romanos, visigodos e foi assolada por suevos e alanos e mais tarde pelos árabes.

No século IV, foi diocese da Metrópole de Braga. No século VI, os visigodos erigiram a Sé, arruinada por longo tempo e hoje em reconstrução, bem como as muralhas. Ali nasceu o rei godo Wamba, cuja vida proporcionou a criação da «lenda do freixo» ainda hoje lembrada pelo povo. Mais tarde, já na posse dos cristãos, foi comenda da ordem dos Templários, de que foi mestre Gualdim Pais, reinando então D. Afonso Henriques. Ao longo dos tempos foi perdendo o seu antigo esplendor e importância estratégica e é agora uma pequena e modesta aldeia, isolada do Mundo e debruçada sobre o Pónsul. Desde há anos que se situa ali um campo de estudos arqueológicos.

*O Século* de 24-10-1967.

### **Ruínas do antigo Palácio da Inquisição**

Sob as ruínas do Teatro Nacional D. Maria II, cujas obras de reconstrução foram já iniciadas, encontram-se os restos do antigo Palácio da Inquisição.

Escadarias, barros, moedas antigas,

alvenarias que o tempo escondeu, surgem, agora sob a picareta do operário. Falando à imprensa, um técnico da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos esclareceu que a existência do Palácio da Inquisição era conhecida, havendo, inclusivamente, uma detalhada planta do local.

*ABC (Luanda)* de 25-10-1967.

### **Catacumba na Igreja de Santo António de Viana do Castelo**

Na igreja de Santo António, em Viana do Castelo, foi descoberta uma catacumba com várias sepulturas e ossadas. A entrada é feita por um alçapão, ao centro da capela-mor. São ainda bem visíveis várias pinturas.

Supõe-se que as ossadas pertençam aos frades que ocuparam o convento anexo, hoje enfermaria militar.

*Jornal de Notícias* de 27-10-1967.

### **Restos de uma povoação Lusitano-Romana em Elvas**

Na herdade do Paço do Concelho, um dos locais onde passa a conduta de água da Barragem do Caia, durante escavações, a que ali se procedeu, foram descobertas umas minas que se presume pertencerem a uma povoação romana. Entre os elementos postos a descoberto salientam-se várias colunas de granito, de regular tamanho e artisticamente trabalhadas.

*Diário do Norte* de 9-11-1967.